

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Museu Aberto do Descobrimento
LOCALIDADE	Terra Pataxó
MUNICÍPIO / UF	Santa Cruz Cabralia / BA

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Coroa Vermelha
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

POSTAL_07.jpg

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

1.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS Coroa Vermelha, faixa litorânea ao sul do município de Santa Cruz Cabralia, correspondente à Terra Indígena de Coroa Vermelha (Gleba A). A área de aproximadamente 70 ha está limitada ao norte pelo braço direito do rio Mutari, a oeste pela BR-367 e ao sul pela Ponta do Mutá. Como representado pela Cruz monumental ali erigida, trata-se de lugar relevante à formação da nacionalidade brasileira por ter sido o local da Primeira Missa, uma “paisagem monumento” que evoca os fatos ocorridos no istmo e no ilhéu em 26 de abril, domingo de Páscoa, do ano de 1500. Coroa Vermelha está inserida no processo de urbanização de Santa Cruz Cabralia, voltada ao turismo, como bem revela o Projeto Orla. Sua configuração contemporânea corresponde ao complexo sistema de relações inter-étnicas, marcadas por conflitos mal resolvidos entre índios, não-índios e agências governamentais. Alvo de múltiplos interesses, inserida em área de grande especulação imobiliária, faz parte de parque temático, definido pelo Prodetur como Área de Proteção Ambiental e de Terra Indígena. Para os pataxós, sua presença em Coroa Vermelha (local bastante procurado pelos turistas) é poderoso elemento de legitimação de seus direitos, de sua identidade e de sua subsistência, sobretudo no que se refere à produção e à comercialização de seu artesanato. A Aldeia de Coroa Vermelha se define por três características básicas indissociáveis: 1) no plano econômico, pela absoluta prevalência da produção e do comércio de artesanato voltado para o público turista, ao qual se agregam outras modalidades de comércio e serviços, como comidas e bebidas; 2) no plano espacial, caracteriza-se por dispor de duas áreas de ocupação distintas, uma delas urbanizada; 3) no plano das representações simbólicas, trata-se do lugar histórico do encontro inaugural entre portugueses e indígenas, e, em especial, o lugar onde esse encontro viveu seu contexto maior de realização ritual¹.
--

Notas:

¹ EIA/RIMA do Memorial do Encontro p. 235-236 (ver BA-01-00-00-F10-A1-nº 122).

1.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

A planície costeira de Coroa Vermelha tem segmentos quaternários deixados pela última transgressão marinha e regressão subsequente (Holoceno), formando terraços arenosos, com restingas úmidas, brejos e mangues. A planície avança no mar formando um istmo junto ao banco de corais paralelo à costa. Dos ecossistemas naturais, permanece apenas pequena mancha de restinga arbustiva com mangue e brejo entre os rios Jardim e Mutari, ao norte da Gleba A da Terra Indígena.

O local vem passando por grandes transformações (retirada de comerciantes e moradores não-indígenas, implantação de infra-estruturas, deslocamento de moradias, construção de museu) em razão das comemorações do V Centenário do Descobrimento, o que impossibilita uma descrição precisa das edificações. Até 1999, as casas e os pontos comerciais concentravam-se no eixo da estrada que liga a BR-367 a Cruzeiro. Os quintais das casas ali situadas serviam para coleta de matérias-primas, criadouro de animais e acesso ao rio Jardim e à praia. Perto da Cruz ficavam as barracas de comércio indígena. Na porção sul da praia concentravam-se os maiores restaurantes (de não-índios).

Todas as construções encontradas foram edificadas a partir da década de 1970. Segundo a tradição oral, havia uma antiga capela nas proximidades da praia, cujas telhas teriam sido decoradas com a Cruz de Malta. Levantamento arqueológico na região não identificou nenhum artefato ou outros indícios de construções¹.

Notas:

¹ Ver EIA/RIMA do Memorial do Encontro (BA-01-00-00-F10-A1-nº 122).

1.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

Toda a região de Coroa Vermelha pode ser considerada, por seu elevado valor simbólico, como o sítio histórico do encontro dos portugueses com os índios e também da primeira missa em solo brasileiro – ainda que não se tenha encontrado ali evidências materiais desses acontecimentos. A evocação da paisagem natural (sobretudo a praia e o istmo) como sendo idêntica àquela de 500 anos atrás é reforçada pela presença dos pataxós, vistos pelos turistas como os índios encontrados por Cabral. As cabanas “tipicamente indígenas” colocadas próximas à Cruz, erigida cerca da praia, dão a impressão de materializar o encontro e a missa, o contato inter-étnico, a colonização.

Mais que isso, a composição dos elementos e seu uso pelos pataxós é vital para a sobrevivência e a identidade desse grupo, conforme fica evidente em encenações indígenas como a da “Primeira Missa”, que ocorre em 26 de abril, e diariamente no contato com os não-índios.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR**1.4. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

No início dos anos 70 não havia nenhum morador na área de Coroa Vermelha, fosse na praia ou na mata. A ocupação começou em 17 de novembro de 1972, quando Alberto do Espírito Santo Mattos – o cacique Itambé – e sua família se mudaram para o ilhéu, pressionados em Monte Pascoal pela política do IBDF que via os índios como predadores do meio ambiente. Em 1973 Itambé obteve autorização da capitania dos portos de Porto Seguro e do DNER para construir uma moradia permanente no local onde se concluía a BR-367, inaugurada em 1974 com a fixação da Grande Cruz. A partir de então, outras famílias chegaram, até que, ainda em 74, a prefeitura de Santa Cruz Cabrália delimitou informalmente lotes às margens do acesso a Coroa Vermelha, nos quais foram construídas casas arredondadas cobertas de piaçava, de acordo com o estereótipo familiar ao público turista¹.

Boa parte dos índios não veio diretamente da aldeia Barra Velha, mas sim de fazendas, cidades e povoados próximos dela, por onde perambularam a partir da implantação do parque nacional de Monte Pascoal, em 1961. Com a consolidação do núcleo original de Coroa Vermelha em meados dos anos 70, consolidou-se um estreito vínculo que ainda hoje prevalece entre as duas terras indígenas.

Desde o final dos anos 70 houve uma explosão da indústria turística regional e, conseqüentemente, a valorização das terras à beira-mar e uma desregrada competitividade entre os comerciantes. A posição privilegiada de Coroa Vermelha acabou trazendo problemas para os pataxós, em decorrência da especulação imobiliária e do comércio não-indígena que se voltaram para a região. Grandes transformações modificaram radicalmente o perfil da área de entorno de Coroa Vermelha, causando impactos ali, apesar das ações do IPHAN e do IBAMA. O conflito pelo uso do solo, a especulação imobiliária e o turismo causaram ocupação indiscriminada, aumento do lixo, falta de saneamento

e descaracterização da área (EIA 1999: 210). A crescente perda de suas posições comerciais é, seguramente, uma das principais causas de mobilização da comunidade pela regularização de seu território².

Até a data de homologação da Terra Indígena em 9 de julho de 1998, arrastou-se um processo de disputa territorial permeado por estudos da FUNAI (desde 1975), abertura de loteamentos e concessões (aforamentos) de áreas para não-índios (desde o final da década de 1970), tombamento pelo SPHAN (primeiros anos da década de 1980), até a brutal expansão das construções nas imediações do Pontal, área altamente valorizada no início da década de 1990³.

Avaliações da situação ocupacional do território indígena, em meados da década de 1990, puderam constatar a ocorrência de várias alterações: expansão das construções ilegais na área e sua proliferação sobre a faixa de domínio do DNER; diversificação considerável do comércio, sobretudo na área central, com evidente perda de controle (exclusividade) comercial pelos pataxós; a população indígena, crescente, tendo reduzidas suas antigas áreas de ocupação, amontoavam-se nos terrenos remanescentes em condições precárias de vida. A vegetação de restinga estava devastada e os rios poluídos continuavam sendo utilizados pelos pataxós para todas as suas necessidades domésticas⁴.

Notas:

¹ EIA/RIMA do Memorial do Encontro p. 217-218 (ver BA-01-00-00-F10-A1-nº 122).

² EIA/RIMA do Memorial do Encontro p. 243 (ver BA-01-00-00-F10-A1-nº 122).

³ EIA/RIMA do Memorial do Encontro p. 223 (ver BA-01-00-00-F10-A1-nº 122).

⁴ EIA/RIMA do Memorial do Encontro p. 226 (ver BA-01-00-00-F10-A1-nº 122).

1.5. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

(...) E velejando nós pela costa, na distância de dez léguas do sítio onde tínhamos levantado ferro, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram. E as naus foram-se chegando, atrás deles. E um pouco antes de sol-pôsto amainaram também, talvez a uma légua do recife, e ancoraram a onze braças (...)

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arranjassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção...

Pero Vaz de Caminha.

1.6. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1500, 1º de maio	Erigida a cruz com armas e divisas de Portugal por Pedro Alvares Cabral na foz do rio Mutari.
1500, 24 de abril	Esquadra de Cabral veleja ao longo da costa em direção ao norte em busca de melhor abrigo, ancorando então em um recife próximo ao rio Mutari.
1500, 25 de abril	Pero Vaz de Caminha e Nicolau Coelho desembarcam e encontram cerca de 200 índios que auxiliam no reabastecimento da frota. Identificam um recife de corais batizado como Coroa Vermelha.
1500, 26 de abril	Rezada por Frei D. Henrique a Primeira Missa em solo brasileiro no domingo de Páscoa.
1500, 27 a 30 de abril	Reabastecimento da frota com o auxílio dos índios, em maior número e menos armados. Construída nesse período uma cruz de madeira: <i>"Cabral vistoria a cruz e ordena a seus homens que a beijem para demonstrar devoção à ela. Os nativos que estão por perto são incentivados a repetir o gesto e o fazem de boa vontade"</i> .
1970, início da década	Despojados de suas terras, os pataxós fixam-se na região do pontal de Coroa Vermelha, onde se concluiu a BR-367 e onde foi erigida uma Cruz representando a Primeira Missa.
1998, 8 de julho	Homologada a Terra Indígena que inclui Coroa Vermelha (Gleba A), depois de décadas de contato e conflito inter-étnico na região.

1999	A Comissão Nacional para a Comemoração do Descobrimento do Brasil solicita Estudo de Impacto Ambiental do Memorial do Encontro (Museu e Marco), a ser implantado em Coroa Vermelha. Tensão entre índios e não-índios ocupantes de Coroa Vermelha, em virtude da indefinição sobre o processo de extrusão dos não-índios e de recolocação dos pataxós em decorrência das obras que se realizariam no lugar de suas residências.
------	--

6. Usos ATUAIS

1.7. Usos COTIDIANOS

O local é cotidianamente palco de encontro dos turistas com os pataxós que ali habitam, produzem e vendem artesanato. Portanto, é lugar de visita para os turistas e de trabalho para os índios.

Também é lugar de residência dos índios (e não-índios) e de coleta de matéria-prima para artesanato – embora as fontes já não sejam abundantes como no passado.

1.8. Usos CERIMONIAIS

Dada a impossibilidade de trabalho de campo durante este inventário e da exígua informação bibliográfica sobre este assunto específico, não foi possível levantar informações satisfatórias sobre rituais e usos cerimoniais indígenas. Limitamo-nos ao relato da Encenação da “Primeira Missa” em 26 de abril em Coroa Vermelha, a qual, juntamente com outras duas festividades e encenações dos pataxós (19 de Abril, Dia do Índio, e 22 de Abril, Dia do “Descobrimento”, ambas em Porto Seguro), *“compõem um verdadeiro ciclo ritual pataxó”*¹.

Notas:

¹ EIA/RIMA do Memorial do Encontro p. 229 (ver BA-01-00-00-F10-A1-nº 122).

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Artesanato Pataxó	BA-01-07-00-F11-A3-nº 3
Encenação da “Primeira Missa”	BA-01-07-00-F11-A3-nº 1

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa de Terra Pataxó – Coroa Vermelha.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**1.9. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Não há.

1.10. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Não há.

1.11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Não há.

10. OBSERVAÇÕES**1.12. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Dadas as circunstâncias deste inventário (*ver campo 10.3 desta ficha*), faz-se necessário um aprofundamento, em todos os aspectos, do levantamento sobre as referências culturais dos pataxós em Coroa Vermelha e em outras aldeias / terras indígenas na região do MADE.

1.13. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Algumas pessoas mais idosas são conhecedoras de práticas curativas (fitoterápicas) associadas a tradições cosmológicas e mágico-religiosas indígenas. Além disso, o artesanato e outras práticas de subsistência, como aquelas ligadas à lavoura e, principalmente, à pesca, devem ser consideradas para a identificação.

1.14. OUTRAS OBSERVAÇÕES

AS ATIVIDADES PREPARATÓRIAS DAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO PROVOCARAM MUDANÇAS IMPORTANTES EM ÁREAS TRADICIONALMENTE ASSOCIADAS AOS ÍNDIOS PATAXÓ, COMO É O CASO DE COROA VERMELHA. ALÉM DISSO, ESSE POVO PASSA POR UM PERÍODO DE GRANDE INSTABILIDADE POLÍTICA EM RAZÃO DE DEMANDAS RELATIVAS À DEMARCAÇÃO DE SUAS TERRAS. DIANTE DE TAIS CIRCUNSTÂNCIAS, CONSIDEROU-SE MAIS CONVENIENTE ADIAR A PESQUISA DE CAMPO PARA QUANDO SE CONFIGURAREM CONDIÇÕES MAIS FAVORÁVEIS. DESSE MODO, AS INFORMAÇÕES APRESENTADAS NESTA FICHA DE IDENTIFICAÇÃO, EM SEUS ANEXOS E NAS DOS BENS A ELA ASSOCIADOS SÃO INCOMPLETAS E PROVISÓRIAS. RECOMENDA-SE QUE A COMPLEMENTAÇÃO DO TRABALHO SE FAÇA TÃO LOGO HAJA CONDIÇÕES PARA TANTO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARESBA010700F5001

IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOSNÃO HÁPESQUISADOR(ES)ÁLVARO DE OLIVEIRA D'ANTONASUPERVISORÁLVARO DE OLIVEIRA
D'ANTONAREDATORÁLVARO DE OLIVEIRA D'ANTONADATA

MARÇO DE 2000RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIOANDRADE E ARANTES LTDA. – CONSULTORIA E PROJETOS CULTURAIS